

Karine Barbosa de Oliveira

DA FORMAÇÃO À ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO LAZER: O CASO
DE ANIMADORES DE FESTA INFANTIL

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

Julho 2011

Karine Barbosa de Oliveira

DA FORMAÇÃO À ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO LAZER: O CASO
DE ANIMADORES DE FESTA INFANTIL

Monografia de Graduação do curso de Educação Física,
da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia
Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial à obtenção do título de bacharel
em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

Julho 2011

*“Provavelmente esquecerei detalhes dos mais importantes. Peço que me perdoem.
Meu amigo nunca dava explicações. Julgava-me semelhante a ele.
Mas, infelizmente, não sei ver carneiro através de caixa.
Talvez eu seja um pouco como as pessoas grandes.
Devo ter envelhecido.”*

(O pequeno Príncipe, Antoine de Saint-Exupéry)

Dedico esse estudo:
a minha mãe, avó
e amigos.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me dado força o suficiente para concluir este trabalho em tempo hábil para ser avaliado. Agradeço por não ter me abandonado na situação de desespero, acalentando minhas ansiedades e angústias.

A minha família que esteve ao meu lado durante estes quatro anos, principalmente a minha mãe e avó, que nessa reta final compreendeu o meu desespero e me ajudou nas transcrições das entrevistas e diminuiu o ruído das televisões e rádios, ficando acordadas comigo durante as noites, porém nunca deixaram de me apoiar e me dar força para continuar.

Ao Hélder, meu orientador, que mesmo com a correria em que foi realizado o trabalho, pode me ajudar na construção desse trabalho, o qual não aprendi apenas teorias acerca do lazer.

Ao PET e ORICOLÉ, por ter contribuído com o meu estudo, alertando e ressaltando sobre alguns pontos. A Marie por ter disponibilizado tempo para me ajudar nas entrevistas, além de ajudar na correção da escrita. A Jú, que num momento de desespero também se dispôs a ajudar.

Aos meus amigos que tornaram a caminhada mais suave e que compreenderam alguns momentos de ausência: Poly, Ananda, Fê, Rubya, Gabi, Marquinhos, Ranucy, Nay, Luiz, Primo, Maira, Clá, Lalá, dentre outros.

Aos professores Silvio, Silvia e Ivana que estiveram sempre ao meu lado, quando precisei de apoio ou uma palavra amiga, que confiaram e incentivaram a realização deste trabalho.

As pessoas que não foram citadas, mas que contribuíram para a conclusão deste meu trabalho.

RESUMO

O presente trabalho, realizado a partir do Programa de Educação Tutorial PET – Educação Física e Lazer tem por objetivo investigar a formação, características, habilidades e conhecimentos dos animadores culturais acerca da atuação nas festas infantis. Para tal, foi necessário: Compreender a formação e a trajetória dos animadores de festa; o perfil, conhecimentos, competências e habilidades necessárias ao animador para a sua inserção e a atuação desse profissional na área do lazer. Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, que constituiu da combinação de dois procedimentos metodológicos, pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica se deu no sentido de contribuir com o entendimento acerca do lazer, mercado, festa infantil, formação e atuação dos animadores das festas infantis. E a pesquisa de campo foi realizada a partir de entrevistas semi-estruturadas, sendo estas realizadas com três animadores que atuam nas festas infantis e com um dos sócios da empresa escolhida para a investigação. A partir das entrevistas pude perceber que os animadores de festa infantil não possuem uma formação em específico e que a realização de cursos são importantes, uma vez que é nesses que há descobertas de novos animadores que possuem o “dom” para a intervenção como animador. Além de ser necessário possuir algumas características como ser alegre, bem humorado, não ter vergonha, ser espontâneo, possuir um repertório de atividades, dentre outras. Para a atuação, os animadores percebem a importância da sua presença nas festas como sendo um diferencial oferecido nessas comemorações e as atividades propostas são sempre ensaiadas, porém nem sempre sabem quais as atividades que irão desenvolver durante a festa, descobrindo no início da festa. Os entrevistados não atuam apenas nas festas infantis, atuando em outros tipos de eventos e alguns possuem empresas próprias, sendo que todos vivem da animação. Portanto, percebe-se que os animadores de festa infantil ainda merecem estudos para que possamos compreender melhor esses profissionais que atuam nas festas infantis.

Palavras-chave: Animadores. Festa infantil. Lazer.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	08
2. LAZER E MERCADO	12
2.1 Entendendo as festas e os buffets infantis.....	19
3. PERCURSO METODOLÓGICO	26
3.1 Análise e discussão dos dados.....	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS	45
6. APÊNDICES	49

1. INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com os animadores de festa infantil se deu em 2003 quando trabalhei no escritório de um Buffet Infantil da cidade de Belo Horizonte/ MG. Além disso, também tive experiência em algumas festas como monitora, ajudante de animação e na confecção da decoração (como enfeites de balões e na elaboração de cenários). Nesse contexto, me deparei com várias inquietações e questionava dentre outros aspectos: as relações estabelecidas entre os convidados, bem como o papel da intervenção do monitor e do animador de festa nas festas infantis, realizadas nos buffets.

Percebia que os animadores eram pessoas extrovertidas, alegres, com roupas coloridas, que apresentavam um “pacote” de atividades, como, danças coreografadas, um repertório de brincadeiras (como cabo de guerra, panoball, pais com fantasias de palhaços que as crianças deveriam encher a roupa com balões e ao final contaria quantos balões que cada equipe conseguiu colocar nas roupas, brincadeiras cantadas) e pinturas faciais, com o intuito de ocupar e divertir as crianças durante a festa, para além dos brinquedos que existiam no local. Era um momento em que as crianças poderiam escolher realizar as atividades propostas pelos animadores. De qualquer maneira, para seus pais era satisfatório que existisse aquele momento, pois assim não precisariam se preocupar com as crianças, e aproveitariam esse tempo para usufruir da festa e da companhia dos outros convidados, uma vez que seus filhos estavam entretidos com a intervenção do animador.

No Buffet Infantil em que atuei, não existia um animador fixo, pois a presença dele era vinculada ao valor cobrado pelos serviços e disponibilidade de sua agenda. Pude conhecer as ações de animação de algumas empresas de Belo Horizonte, como por exemplo, apresentações de dança, brincadeiras para as crianças e brincadeiras com os pais. Percebi que desse profissional não era exigido nenhuma qualificação para se atuar com atividades que seriam realizadas com as crianças durante a animação. Essa qualificação não exigida, que me refiro, é no que tange a cursos, oficinas, graduação, cursos técnicos e experiências anteriores com a animação de festas.

Em 2007 ingressei no curso de Graduação em Educação Física na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e fui conhecendo o trabalho de

alguns laboratórios de pesquisa da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, uma vez que a inserção nesses grupos poderia contribuir ainda mais com a minha formação acadêmica.

O que me chamou mais atenção, inicialmente, foi o Programa de Educação Tutorial (PET) – Educação Física e Lazer¹, que estuda a temática do Lazer, o qual já tinha tido contato nas festas infantis e percebia uma oportunidade de atuação na área da Educação Física. Para essa atuação ser mais consistente, acreditava que seria necessário um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto, e isso se daria com a minha inserção num grupo de estudos sobre o lazer. Assim, passei no processo de seleção desse grupo e no que se refere à pesquisa seria necessário realizar um trabalho de pesquisa sobre o tema. Dessa maneira, cresceu a ideia de discutir em meu trabalho de conclusão de curso e pesquisa do PET, o perfil profissional e as características exigidas dos animadores culturais de festas infantis. O tema aponta a necessidade de refletir, tanto no que diz respeito à formação, quanto ao perfil e à atuação desse profissional, que lida com as crianças num momento de lazer, que é a festa de aniversário.

Para concretizar minha idéia, fiz um levantamento de trabalhos já produzidos na área de animação de festas infantis, ao acervo das bibliotecas integradas da Universidade Federal de Minas Gerais, *Google Acadêmico* e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e percebi a escassez de estudos que investigam o animador de festas, mais especificamente o de festa infantil. Diante disso, posso dizer que ainda é necessário realizar pesquisas que preencham essa lacuna, pois o animador cultural tem participação importante nas festas infantis, uma vez que sua presença é indispensável nesses locais para contribuir com a diversão das crianças presentes na festa, e porque as casas de festa ou buffets infantis estão em crescimento como

¹É um programa do governo federal que estimula a pesquisa, o ensino e a extensão universitária na graduação, visando preparar o aluno para uma continuidade da carreira acadêmica. Vinculado à Secretaria de Educação Superior – SESu/MEC. O PET busca desenvolver (sob coordenação e orientação de um tutor) atividades acadêmicas através de grupos de aprendizagem interdisciplinares, visando contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica na graduação e estimular a formulação de novos métodos para o desenvolvimento e qualificação do ensino superior no país, além de incitar o espírito crítico do aluno, com uma atuação pautada na cidadania e na função social da educação superior. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12223&ativo=481&Itemid=480>>. Acesso em: 23 out. 2010.

revela uma reportagem do site [clickfestasbh](http://www.clickfestasbh.com.br)². Além disso, muitos empresários estão investindo nesse mercado por sua rentabilidade, pois há uma procura dos pais em realizar festas nesses espaços, em função da menor preocupação no que diz respeito à organização: como contratar empresas que forneçam o convite, a quantidade de salgadinhos, bolo, docinhos, decoração de balões, cenário, mesas, cadeiras, lembrancinhas, brinquedos, monitores, animadores, além de arrumar a casa após a festa. Assim, o valor cobrado para organizar as festas de aniversários é proporcional aos serviços prestados, caso o contratante queira muitas atrações como aumentar os balões que decoram as festas, contratar personagens de acordo com o tema, escolher uma decoração exclusiva, mesa de guloseimas, dentre outros, o valor cobrado também aumentará, causando assim, uma seleção do público que irá utilizar e contratar esses serviços desses espaços.

Assim, as questões que motivaram essa pesquisa são: quem são esses profissionais que atuam nas festas infantis? Qual a sua formação? Quais as características, habilidades e conhecimentos que eles julgam necessários para a atuação nesse campo?

Dessa forma, esse trabalho teve como objetivo investigar a formação, características, habilidades e conhecimentos dos animadores culturais acerca da atuação nas festas infantis.

A partir dessas questões levantadas e do objetivo, o estudo buscou aproximar e obter uma nova e atualizada percepção do fenômeno, caracterizando, portanto, como um estudo exploratório, bibliográfico e de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada para fundamentar o meu trabalho a respeito do lazer, mercado, festa infantil, formação e atuação dos animadores. O instrumento utilizado na pesquisa de campo foram entrevistas semi-estruturadas com três animadores e um sócio de uma empresa especializada em animação de Belo Horizonte que presta serviços de animação de festa para os buffets infantis. A seleção dos entrevistados foi a partir do que a empresa me disponibilizou, a partir de uma lista em torno de 100 animadores, porém o meu objeto de estudo são aqueles animadores que atuam em festas infantis, o que foi selecionado pela empresa quatro animadores. O sócio foi

² Disponível em:

http://www.clickfestasbh.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=173&Itemid=27 .

Acesso em: 25 fev. 2010

escolhido para saber a visão de quem contrata esses profissionais e verificar se coincide com a visão dos animadores no que se refere a formação e atuação.

Para estruturar o meu trabalho, no primeiro capítulo apresento um dialogo dos pontos que fazem compreender o lazer como mercadoria a ser consumida a partir da discussão encontrada na literatura entre tempo de lazer e tempo de trabalho, focando depois na forma de manifestação do lazer, as festas infantis e seus lugares de realização, os buffets infantis. No segundo Capítulo, relato o meu percurso metodológico escolhido para delinear as ações do meu estudo e apresento a análise dos dados das entrevistas semi-estruturada, baseando na literatura encontrada sobre a discussão de formação e atuação desses animadores de festa infantil, suas experiências e a visão de um dos sócios dessa empresa a respeito da formação, atuação e características, habilidades e conhecimentos necessários para se tornar um animador.

2. LAZER E MERCADO

O tema Lazer é hoje discutido em como este é essencial para a vida das pessoas, podendo proporcionar maior qualidade de vida para aquelas que têm uma jornada de trabalho extensa. É importante entender como o lazer foi constituído até se chegar nos dias atuais, em que está atrelado ao mercado.

Melo e Alves Junior (2003) mostram que no processo histórico de organização da sociedade, o homem sempre buscou formas de diversão, importante tanto quanto as formas de trabalho, religiosidade ou constituição familiar. As formas de diversão nem sempre existiram como o que chamamos hoje de *lazer*, pois esse lazer possui peculiaridades da sociedade atual e o fato de haver coincidências não quer dizer que os fenômenos são os mesmos.

O lazer começou a ser mais discutido a partir da Revolução Industrial, onde inicia o controle do tempo de trabalho e do tempo livre. Segundo Werneck (2001), entre os séculos XVII e XVIII, com a Revolução Industrial na Inglaterra, é que se “desenvolveu esta noção padronizada do tempo, ao lado da nova concepção de trabalho articulada no interior da sociedade industrializada”, sendo símbolo de *habitus* e de representações incorporadas no âmbito de uma sociedade. Essa população começou a viver sob pressão do tempo e em função dele, tornando-se um meio de exploração do trabalho. Dessa forma, os trabalhadores assalariados começam a vender o seu tempo e não o seu trabalho, dando a idéia de que *‘tempo é dinheiro’*, ou seja, não se podia mais desperdiçar o tempo, fazendo com que o trabalhador se disciplinasse nesse sentido.

O tempo se torna mercadoria rara, tornando um valor de troca no trabalho e também no “tempo livre”, que pode ser comprado e vendido, além de se encontrar “regulado, fragmentado e cronometrado no interior da trama social” (WERNECK, 2001). Eram extremamente ofensivos os trabalhadores ‘perderem tempo’, por significar falta de produtividade, torna-se pecado capital, numa sociedade em que seu maior objetivo é produzir para obter lucros. Porém, Baudrillard citado por Werneck (2001) afirma que o verdadeiro sentido da utilização do tempo no lazer é perder-se, no pleno sentido da palavra, o que é possível nas férias dos trabalhadores. Dessa forma, os trabalhadores não teriam que se preocupar com o tempo, que era controlado pelo trabalho, permitindo a eles uma vivência do lazer a todo o momento durante as férias.

Na sociedade atual é comum encontrarmos jornadas longas de trabalho, fazendo com que o “tempo livre” para o lazer, ou seja, o tempo de lazer, seja diminuído e as pessoas ficariam mais estressadas, com isso percebemos que quanto mais tempo se tem dedicado ao trabalho, mais se procura por esse tempo do lazer. Esse assunto acerca de tempo de trabalho e tempo de lazer já vem sendo discutido por muito tempo, por as pessoas estarem vendendo não somente a força de trabalho, como a própria vida, devido ao trabalho alienado e a transformação do tempo em mercadoria na sociedade capitalista, como retrata Werneck (2001)³.

Segundo Werneck (2001) “um tempo cronometrado que apenas ‘passa’ e, justamente por isso, não é compreendido, não é vivido e muito menos usufruído no seio da sociedade que o engendra”, essa frase mostra o quanto é necessário a diminuição das horas de trabalho, ainda mais que vivemos numa sociedade modernizada, com avanços tecnológicos que teoricamente reduziria a mão de obra humana. Todavia, o que percebemos é que a jornada de trabalho não é diminuída, comprometendo o “tempo livre” para o lazer. Uma vez que o homem industrial estava vislumbrado com as máquinas que produziam em grande escala, sendo esta uma oportunidade de acúmulo de riquezas, o que fazia com que o seu espírito de festejar, celebrar adormecidos (CANTON, 2004).

Perez (2009) discute a relação entre trabalho e lazer baseando nos autores Foucault e Weber, que tratam o trabalho e o lazer como opostos, como se a relação dos dois fosse entre ordem e desordem, racional e irracional. Uma vez que o trabalho seria algo positivo, sagrado, como sendo resultado de um longo e perseverante processo de educação, que se associa a uma modalidade de civilização específica que é a modernidade ocidental e visa a ocupação do tempo com tarefas que possibilitassem o retorno financeiro imediato. Enquanto o lazer seria negativo, profano, sendo o gastar e perder tempo, o mais grave dos pecados e sempre associado ao ócio. Quando esse lazer é tolerado, pode ser remetido ao lúdico e divertimento. Perez (2009) acrescenta que os termos trabalho e lazer possuem uma relação hierárquica, sendo que o trabalho ocuparia o cume da

³ Comentário sobre uma reportagem publicada na revista *Veja* de 5 de abril de 2000, em que tinha na capa uma foto do filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin (representa o típico operário alienado, gerado pelo trabalho de apertar parafusos, que é fragmentado, mecanizado e rotineiro, da Revolução Industrial, tendo como ápice do esforço inútil ser engolido pela máquina) e os seguintes dizeres “Mais lazer e menos trabalho? Esquece. A tecnologia e os sindicatos prometiam reduzir as horas do batente. Deu contrário.”

hierarquia, sendo considerado ativo e superior, enquanto o lazer ocuparia a base da hierarquia, considerado como passivo e inferior, ou seja, o lazer estaria subordinado ao trabalho.

O lazer é visto aqui como fruto da sociedade urbano-industrial, dessa maneira é considerado por Teixeira citado por Werneck (2001) como o segmento mais promissor do século XXI, dentre a tecnologia da informação e as telecomunicações, no que diz respeito ao setor mais dinâmico da economia mundial. Afirmando que: “essa importância decorre da sua capacidade de aproximar as nações, de globalizar a economia, de acelerar o crescimento econômico e de produzir novos (e melhores) empregos”, que é considerado hoje um “mercado em explosão” (WERNECK, 2001), devido ao seu potencial do ponto de vista comercial, o que seleciona seus consumidores.

Marcellino (1996) aborda o rompimento do quadro ideal do desenvolvimento do lazer pela população em geral, que contribui para apropriações desiguais dessa esfera, que são as chamadas barreiras sociais, podendo ser classificadas entre interclasses sociais ou intraclasses sociais. As quais serão relatadas a seguir, sendo essas barreiras influenciadas pelo fator econômico, nível de instrução, faixa etária, gênero, acesso a espaços e classe social. O fator econômico é determinante no que diz respeito à distribuição do tempo livre e o acesso as Escolas. A falta de acesso a elas dificultam a prática do lazer, fazendo com que exista o privilégio, sendo este, exemplo de uma barreira interclasse social. O fator sexo é uma barreira intraclasse social, em que a mulher é desfavorecida em relação ao homem no que diz respeito a dupla jornada de trabalho e às obrigações familiares devido ao casamento, por viver ainda numa sociedade machista. O fator faixa etária, barreira intraclasse social, diz respeito às crianças e idosos que possuem dificuldades de participação das atividades de lazer, pois a criança ainda não chegou ao mercado de trabalho e os idosos por já terem passado dessa fase de “utilidade” para a sociedade.

Werneck (2001) comenta sobre a tendência da diminuição do trabalho assalariado formal, devido aos custos gerados por esse trabalhador e dificuldade de acesso a todos no mercado atual, que não quer mais pessoas que ‘apertem parafusos’, aumentando os índices de desemprego, que agrava ainda mais a pobreza e a exclusão social. Ao passo que, aumentou o número de pessoas no trabalho informal, muitas vezes temporários ou como ‘bicos’, que não exigem

qualificação, ou seja, procura-se uma ocupação e não um emprego e recebem apenas o pagamento pelo serviço prestado, destituídos de quaisquer direitos. Os trabalhadores por conta própria tendem a trabalhar cada vez mais para sobreviverem ou manterem o padrão de vida e nessa situação se encaixa os profissionais do campo do lazer.

Com o crescimento desordenado da população urbana, que não foi acompanhado do desenvolvimento da infra-estrutura da cidade. Isso, gerou desníveis no que se refere à distribuição desses equipamentos específicos para as práticas de lazer, como exemplos, shoppings, parques, praças, teatros, cinemas, bibliotecas, dentre outros, que possui também, em alguns casos o ar de “santuários”, que acaba selecionando, também, o público que ocupa certo equipamento (MARCELLINO, 2008). Como exemplo disso, Melo e Alves Júnior (2003, p. 49), referindo a distribuição desses equipamentos específicos na cidade do Rio de Janeiro, dizem que, “é notável, que a maioria desses equipamentos, estão situados nas zonas que congregam a população de maior poder aquisitivo, acentuando o abandono das áreas afastadas, onde mora a população mais pobre”, além de que muitos espaços públicos estão sofrendo um processo de privatização. Nos equipamentos não específicos para as práticas de lazer, houve ressignificação desses espaços por parte das pessoas que os frequentam, tornando-os propícios para atividades de lazer como: bares, escolas, lares, ruas, dentre outros que contemplam os conteúdos culturais do lazer (MARCELLINO, 2008).

A respeito dos conteúdos culturais do lazer, Melo (2004) diz que segundo Joffre Dumazedier, as atividades de lazer são classificadas de acordo com o interesse central, que motiva o indivíduo a realizar uma atividade, porém não devemos utilizar tal classificação de forma rígida, devido ao fato dos humanos procurarem uma atividade não apenas por um interesse único. Essa classificação deve servir de guia para os profissionais de lazer na hora de elaborar uma programação, porém apenas isso não garante um trabalho de qualidade. Dumazedier seleciona cinco interesses centrais, que são os chamados conteúdos culturais do lazer, a saber: interesses físicos, interesses artísticos, interesses manuais, interesses intelectuais e interesses sociais. Melo (2004) ainda afirma que Luis Octávio de Lima Camargo, acrescentou outra possibilidade, os interesses turísticos, tornando, assim, seis conteúdos culturais.

Dessa forma, a classe social, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, o acesso ao espaço, são alguns dos fatores que limitam as oportunidades de práticas do lazer, sendo o lazer limitado a uma minoria da população, já que se estão privatizando esses espaços para vivências do lazer. Ao privatizar esses espaços o lazer começa a fazer parte de um consumo que é desejado pelas pessoas, já que este irá proporcionar o prazer, satisfação e diversão. Como veremos na discussão abaixo sobre a relação dialógica entre o lazer e o consumo.

Como visto na história da relação de lazer e trabalho, o lazer era considerado como um momento de descanso, enquanto hoje, está diretamente ligado ao consumo e é considerado mais emocionante e prazeroso, sendo regido pelos meios de comunicação (OLIVEIRA e FREITAS, 2004). Afinal, a indústria de entretenimento, forte viés dos meios de comunicação, possui estratégias de persuasão para que o público tenha vontade de obter algum produto que é mostrado e vendido por eles. Essa indústria também, sempre tem novidades, o que ocasiona a compra e consumo desenfreado dos produtos ofertados, que serão discutidos a seguir.

Segundo Oliveira e Freitas (2004) consumo seria a “utilização dos bens materiais para a satisfação das necessidades demandadas pelo homem”, sendo que adquirir um produto vai além das ‘necessidades econômicas’, que são chamadas de necessidades subjetivas, o qual o lazer se encaixa. Os objetos não são mais comprados somente pelo valor de uso ou utilidade, mas para preencher as necessidades do ego, que são potencializadas pelos meios de comunicação para suprir os desejos e sonhos das pessoas que o consomem. Podemos dizer que essa troca de ‘função’ do lazer, do sentido de utilidade para suprir os desejos, é devido ao fenômeno chamado cultura, como tratado por Durham citado por Werneck e Isayama (2001, p. 48): “a cultura constitui um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana” e por Marcellino (2007) em que ele discute o quão é fundamental compreender a cultura como um fenômeno amplo e de características abrangentes, que se relaciona não somente com as produções humanas, mas também com o processo dessa produção. Nesse sentido, o conceito de cultura utilizado está intimamente vinculado aos processos de reprodução, produção e transformação de nossas práticas coletivas, mas geralmente a indústria cultural nos apresenta apenas a possibilidade de reprodução e consumo.

Como o consumo está diretamente ligado aos meios de comunicação, que manipula a população ao processo de padronização cultural, alienando-os, fazendo com que aceitem os produtos como verdadeiras obras de arte e sua variedade é apenas uma estratégia para colocar as pessoas à mercê dos interesses contidos na sua essência (WERNECK e ISAYAMA, 2001). Esse consumo alienante e padronizado, é uma estratégia das indústrias de entretenimento, que visam a satisfação de 'necessidades iguais' e esse processo de coisificação enfatiza a busca incansável de *status* por parte dos consumidores, se tornando cada vez mais dependentes desses produtos.

Um dos artifícios utilizados por essa indústria de entretenimento é a publicidade e propaganda que enaltece o que deve ser consumido, sendo um pilar do capitalismo que procura atentamente seus sujeitos, como pode-se perceber nessa fala de Santos (2007, p. 10):

O ato de consumo nunca foi tão importante e aclamado nas mensagens publicitárias quanto no início do século XXI. As mensagens procuram tornar o consumo mais prático e habitual, e por outro lado, elas também buscam orientar o desenvolvimento da vida na cidade apoiado nas mercadorias com significados inerentes ao desenrolar da vida. Em muitos casos a publicidade procura conduzir o que deve ser consumido, redefinindo novas relações com os produtos, e deixando o consumo com ato indispensável. O que se percebe é que os modos de vida são traduzidos freqüentemente nos bens de consumo e na capacidade de compra das pessoas, implicando estilos de vida.

A fala de Santos acima nos remete a um consumo com o objetivo de dar sentido ao mundo que nos cerca no desenrolar da vida, o qual Lefebvre citado por Santos (2007, p. 11) diz: "Tudo se passa com se as pessoas não tivessem nada para dar um sentido à sua vida cotidiana, nem mesmo para se orientar e dirigi-la, posta de lado a publicidade". Sendo a publicidade um veículo que atua no sentido de incitar os desejos para as novas compras, ou seja, a fantasia que o consumo oferece ao seu público.

Nessa discussão sobre lazer e consumo Reginato (2002, p.127) diz:

O mercado de bens e serviços destinados a oferecer experiências de prazer que deverão povoar o tempo livre dos indivíduos, seguindo a lógica de seu funcionamento, deverá atuar de modo intenso na estimulação de desejos, produzindo e reproduzindo um conjunto de símbolos, tecendo redes de significados e implantando valores. O mercado regula o prazer em categorias de estilos, estratificando práticas e meios para a sua

concretização. O mercado, na busca de expansão de consumo, exige a permanente substituição de produtos, introduzindo uma vivência própria de temporalidade, baseada na condição de efêmero conferida a seus produtos.

O autor afirma que o mercado oferece experiências que proporcionam prazer e estimulam desejos, sendo essas características valorizadas pela indústria de entretenimento, ou seja, o consumo faz parte do processo comunicacional. A indústria de entretenimento almeja provocar uma explosão de desejos, fantasia e diversão que permeia um clima de “total liberdade”, com o intuito de extravasar as repressões do dia a dia, sendo, na maioria das vezes, de maneira alienada, ou seja, tem em “sua essência o negócio e seu poder advém de sua identificação com as necessidades produzidas nas pessoas, principalmente considerando o ritmo de vida da sociedade urbana atual” (WERNECK; ISAYAMA, 2001, p. 54). Além da idéia da busca incansável de novidades nos produtos para chamar a atenção dos consumidores e esse ciclo vicioso do consumo não se finda, pois há sempre novidades no que diz respeito ao consumo de imagens, valores, mercadorias e comportamentos.

Isayama e Gomes (2008) dizem que o lazer é hoje associado ao descanso, ao entretenimento e ao consumo dos conteúdos culturais, sendo que o consumo atinge a todas as fases da vida, desde a infância até os idosos, que irei discutir a seguir cada fase. Para começar, a infância, compreendida desde o nascimento até os 12 anos de idade, é discutida pelos estudiosos como sendo uma fase em que não é adequado tratar do tema lazer, já que elas não possuem a divisão entre as atividades obrigatórias e não obrigatórias, na etapa que antecede a inserção da criança no processo de escolarização formal. As crianças são vítimas dessa indústria de entretenimento, por exemplo, devido aos lançamentos de brinquedos, jogos, bonecas, carrinhos em que elas almejam ter e conseguir para brincar, sendo que os desejos das crianças são controlados ou não pelos pais, que integram o mercado de trabalho, tendo subsídios para a compra dos produtos. Os jovens e os adultos são os mais atingidos por essa indústria de entretenimento. Os jovens devido a cultura ao consumo dessa faixa etária, devido ao culto à boa forma, à beleza, à aventura e ao erotismo (WERNECK e ISAYAMA, 2001). E os adultos, por estarem numa fase da vida em que suas capacidades de vivências de lazer são valorizadas devido a sua capacidade de consumo, sendo essa afirmação verdadeira para aqueles que trabalham (ISAYAMA e GOMES, 2008), pois para os que não

trabalham há uma dificuldade em encontrar opções para vivenciar esse lazer de consumos. Dessa maneira, o lazer pode ser visto de duas maneiras: primeiro como um objeto de consumo para aqueles que trabalham e tem condições de consumir e segundo como apenas espetáculo para aqueles que são meros espectadores. Ao mesmo tempo em que o adulto trabalhador é visto pelo sistema capitalista como “um utensílio no campo do trabalho, priorizando essa atividade, em cooperação e conformismo com a lógica de produção e consumo, adotando, vivendo e transmitindo valores” (ISAYAMA e GOMES, 2008, p. 167), esse mesmo adulto não dispõe de tempo o suficiente para usufruir do lazer, pois o trabalho vem em primeiro lugar e é o trabalho que faz o adulto se valorizar. E no que se refere aos idosos, faixa etária que mais cresce no mundo, devido ao aumento da expectativa de vida. O lazer na velhice é baseado no desejo da auto-realização, no que se refere às relações sociais, qualidade de vida, no desenvolvimento das potencialidades e na aprendizagem continuada (Isayama; Gomes, 2008). O consumo para este público aparece de forma facilitada no que tange ao crescimento das possibilidades de créditos aprovados para viagens e vantagens para qualquer tipo de compra.

A partir dessa discussão sobre as relações entre o lazer e o consumo, que perpassa pelas várias fases da vida, iremos abordar as festas. Festas que acompanham a vida do homem, tendo como norte os espaços específicos para a sua realização, que são os buffets. Entender melhor estes espaços que proporcionam o consumo de produtos vinculadas às festas, direcionando para as festas infantis, que sofrem, também, influência direta dos meios de comunicação.

2.1 Entendendo as festas e os buffets infantis

Clemente Junior (2006) afirma que o termo festa é vago e derivado do senso comum, pois esta possui particularidades em cada forma de comemoração. Dessa forma, o autor comenta que conceituar festa seria uma tentativa no que diz respeito a referências e particularidades das festas, sendo este conceito variável devido ao que é percebido, de uma situação real tornando-o particular. Assim, a festa pode ser definida por diferentes pessoas buscando em contextos de grupos

específicos compreender valores, símbolos e significados que cada um agrega a sua definição.

Segundo Canton (2004, p. 85), “sair de casa sempre significou a busca por um lazer festivo, sendo as ‘festas’ marcadas por características básicas: comemoração de uma data, excesso de bebidas,..., um certo caos.” Isso somente ficou um pouco esquecido da época da Revolução industrial, em que o objetivo principal seria o acúmulo de riquezas, não tendo tempo para o lazer e após a Revolução Industrial as festas perderam sua ligação restrita ao sentido religioso, como devoção e lazer, pois, devido ao divertimento proporcionado por essas festas, remetiam ao profano, ao material e ao corporal.

Esse divertimento ilícito proporcionado pelas festas religiosas evidenciava a desordem como pode ser exemplificado na frase de Clemente Junior (2006, p. 85), “a realização da festa pressupõe ainda a quebra da rotina pela interrupção do tempo social”, pois participar de uma festa dá à idéia de poder se liberar das obrigações, ordens e regras, que são ditadas pela sociedade, a “ordem das necessidades”.

Perez (2009) ainda acrescenta, que festa é excesso e transgressão, sendo essas a inversão da “ordem das necessidades”, incluindo a reflexão sobre a desordem e o irracional, como exemplos, podemos citar o beber até cair, o dançar até a exaustão, o comer não para viver, mas para “gozar de comer”, além da realização do desejo. E com a privatização das festas, em que elas passaram a serem organizadas, programadas e planejadas, o caos, antes permitido, passa a ser mais controlado para oferecer maior segurança aos seus clientes, começando, assim, a ter objetivos comerciais.

As festas segundo Queirós citado por Grava (s/d, p. 2) “são manifestações sociais e culturais presente na vida dos povos de diferentes etnias e sociedades”. Assim como Rosa (2007, p. 198) caracteriza a festa e o lazer como sendo compreendidos como dimensões da cultura em que “valores, tradições, comportamentos e costumes são produzidos, reproduzidos, criados, expressados” num tempo/espço, no qual não só reproduz o que a indústria de entretenimento oferece como mercadoria, mas como um momento de criação, experiência, (re)apropriação e transformação, num “tempo/espço (efêmero e transitório) de exuberância e de explosão da vida, do fazer-se humano, que esta fora e alheio ao devir, fora e alheio a duração, mas ancorada no porvir” (PEREZ, 2009).

Em outras tentativas de se definir festa, Grava citada por Figueiredo (2006, p. 7) corrobora com Perez (2009) ao que diz respeito a ser um fenômeno social, tendo como sentido esse conferido pelo coletivo

Como toda festa é um ato coletivo, ela pressupõe além da presença de um grupo, a participação deste no evento, pois o critério de participação é fundamental na definição de festas, visto que festa, com pouco envolvimento de participação das pessoas não é considerada uma boa comemoração.

Pode-se dizer que a festa é um elemento importante da sociabilidade, em que os laços culturais de fortalecem em meio às comemorações, mesmo que estes façam parte da lógica do consumo, uma vez que é valorizado o consumo de bens materiais e simbólicos. Sendo este simbólico, uma coisa que não tem preço, passa a ter, já que a indústria do entretenimento coloca valor nos sonhos, para que estes possam ser realizados através da compra.

As festas têm como finalidades/funções a diversão, independente de ser oficial ou popular, sagrada ou profana, realizada em espaços públicos ou privado, pois sempre há presença de música, dança, bebidas e comidas. Além de ser alvo de novas tecnologias, já que isso demanda gastos e investimentos dos comerciantes, o que torna o mercado de festa cada vez mais especializado de acordo com o tipo de evento, como exemplos: aniversários, casamentos, formaturas e batizados (ROSA, 2007).

Um mercado em expansão são aqueles destinados ao infantil, tendo estímulos próprios para as crianças, com o objetivo de atender e estimular esse público consumidor em formação, já que elas visam se tornar adultas, não apenas pela busca da aparência, mas pela efemeridade e futilidade das atitudes que as aproximam do comportamento consumista (ROSA, 2007). Assim, as festas de aniversários infantis, por exemplo, ganharam espaços no mercado como relatada por Sayão (2006) ao falar sobre as festas de aniversários:

Festa de aniversário transformou-se em mais um item de consumo na vida das crianças, já tão pressionadas por esse estilo de vida em que o que mais importa é a imagem e o ter. A festa de aniversário é apenas mais uma oportunidade de ganhar objetos desejados. E os pais, com boas intenções, embarcaram nesse estilo de comemoração. Muitas vezes, inclusive, é a própria criança a pedir esse tipo de festa. É nesse momento que percebemos o quanto elas estão submetidas a um estilo de vida muito pouco infantil.

Os elementos presentes nos aniversários das crianças são: convites, tema, decoração, lembrancinhas, musicas, salgadinhos, docinhos, bolo, bebidas, monitores, animadores, recepcionista, dentre outros. Sendo que, segundo Grava (s/d) o tema da festa tem suma importância para a criança, já que ela quer uma festa com muitos balões, brinquedos e seus amigos. Os outros elementos quem escolhe são os pais, tornando os mesmos atrativos para os adultos, já que assim podem mostrar para seus convidados seu poder social e econômico.

O aniversário para a criança costuma ser a data mais esperada do ano, para a criança, segundo Grava (s/d, p. 7), “é aonde ela pode pedir aos pais, que seus sonhos se realizem. É aí que entra a magia da festa de aniversário, povoada por desejos e fantasias da criança.” Assim, as festas infantis têm como principal característica o imaginário como relatada por Grava (s/d, p. 6-7):

A festa num buffet infantil visa atender além do imaginário da criança, o imaginário dos pais, na medida em que supera suas expectativas construídas para o filho. A partir do momento em que o adulto abre estas opções de mundo imaginário para a criança, acaba passando para ela todo este desejo e expectativa de uma festa povoada de fantasia e diversão.

Para auxiliar a construção desse imaginário, temos a decoração que ocupa lugar de destaque para a realização da festa dos sonhos, com os personagens do tema escolhido e os balões complementando o cenário com várias formas, tamanhos e cores. Além da escolha das músicas voltada para a idade e o tema da festa; a comida e bebida; os brinquedos disponíveis para entreter as crianças e os animadores para ser o protagonista das atividades que serão realizadas com as crianças no momento que antecede os parabéns.

Assim, as festas de aniversários servem como uma mercadoria que pode ser consumida, que tornam o espaço destinado ao lazer, um ambiente próprio para o consumo. Como dito anteriormente, a convivência das pessoas está deslocando dos locais públicos para espaços privados, lugares estes que possuem espetacularização da mídia e o desejo pelo consumo como comentado por Oliveira e Freitas (2004). Um exemplo desse tipo de espaço privado são os buffets infantis ou casas de festas.

Os buffets, hoje, são considerados indústria da festa, pois esses espaços propiciam vantagens aos clientes que não tem tempo para organizar uma festa,

como a praticidade de chegar ao local e encontrar tudo pronto, descartando as possibilidades de preparo, como por exemplo, noções de quantidade, enfrentar supermercados e limpeza da casa após a festa, assim a festa se torna mercadoria da vida social (FIGUEIREDO, 2006). Além de constituir uma nova tendência social, na tentativa de solucionar problemas existentes nas grandes cidades como falta de segurança em alguns lugares, falta de espaço adequado para o lazer nas residências, falta de tempo dos pais, possibilitando às crianças um momento de vivências do lazer pelo menos em datas especiais, como por exemplo o do aniversário em que Grava (s/d, p. 5) expressa as vantagens em se comemorar os aniversários das crianças nos espaços privatizados, os buffets infantis:

A falta de tempo livre dos pais, o desejo dos filhos, a escassez de espaço físico adequado nas residências e edifícios, além da busca de comodidade e praticidade, são alguns dos fatores que propiciam às pessoas a realizarem festas num buffet infantil. A praticidade é o ponto mais vantajoso de se comemorar o aniversário da criança em buffet, pois nessa festa, o principal convidado é o aniversariante, junto com seus pais, amigos e parentes. Assim, ninguém precisa se preocupar com o andamento e o sucesso da festa, bastando estabelecer com antecedência alguns detalhes com o buffet, como o tema da festa, a lista de convidados e o preço, sempre ajustável a todos os bolsos.

A produção da festa passa por uma esfera de produtos de consumo e serviços contratados, onde há substituição do espaço doméstico pelo espaço do mercado, ou seja, uma transformação da apropriação dos espaços da cidade (SANTOS, 2007). E os buffets engrenam a lógica do mercado, na procura por novos investimentos para a acumulação de capital, passando a exibir inovações nas mercadorias ofertadas, dentro das relações de produção das cidades, sendo uma cadeia de consumo de bens simbólicos que a indústria de entretenimento oferece para os seus consumidores.

A utilização dos buffets para a realização das festas é marcado pelo ato de produção e consumo, que se desenvolve juntamente com a cidade, uma vez que faz da cidade o seu instrumento para a significação que ela adquire para seus sujeitos, “um modelo de festa na cidade e na condição de mercadorias disponibilizadas para o consumo na cidade” (SANTOS, 2007, p. 10).

Esse consumo registrado pela entrada do mercado no que se refere a produção e a organização da festa, conferindo significado próprio e exclusivo nos eventos, uma vez que isso pertencia a intimidade das famílias, em que seus próprios

membros produziam de forma artesanal os elementos das festas, sendo um período longo de preparação e organização das festas de aniversários, casamentos e confraternizações. Dessa forma, os buffets deixam de envolver os membros do grupo familiar na produção, deixando de lado a criatividade e singularidade dos mesmos no seu processo de montagem, devido as festas prontas, em que os buffets realizam contratos que expõem as condições as quais serão geradas e produzidas as festas, sendo modelos prontos para serem consumidos que visam a segurança e conforto dos consumidores.

As festas para Lefebvre citado por Santos (2007) possui duas condições: 1) Condição econômica e política que fazem parte do cenário atual, ou seja a mercadoria que é destinada aos habitantes da cidade que presenciam a inserção das festas como produto; 2) A função dos buffets, sendo que estes espaços vão ao encontro da racionalidade das cidades. Lefebvre faz um critica, já que as festas apresentam uma oposição à racionalidade, rompendo com a ordem social, como destacado anteriormente na discussão sobre as festas e devido ao controle que se tem do evento, desde a sua preparação até a festa em si. Sendo que nesse controle há a idéia do estabelecimento comercial, que se orienta a partir da rentabilidade e de ganhos do evento, o que destina a caracterização de lugar de consumo. Realizando a produção de pacotes de festas controlados (padronização da atuação desses serviços em que a apropriação da festa acontece pelo comércio), que corresponde ao sentido de mercadorias para satisfazer as necessidades das famílias de classe média, média alta (SANTOS, 2007).

Os buffets utilizam de pacotes de festa, em que este é limitado por seu espaço físico, sendo o consumo bem delineado e com estrutura rígida de segurança, que é a operacionalização dos serviços para atender a demanda do consumo das festas. O seu acesso somente é permitido através da entrega de convites distribuídos para o evento, além de ser um espaço exclusivo para a realização de festas. As festas possuem tempo para a sua realização controlado, tendo um começo, meio e fim, o qual se sabe o momento certo para a animação, o parabéns, servir os alimentos, bebidas, doces, bolo e entrega das lembrancinhas.

Assim, essas características dos buffets também estão inseridas no cotidiano das pessoas, uma vez que este está cada vez mais controlado e programado e a vida diária preenchida por novas mensagens de consumo indicando para isso os espaços dos buffets. As festas realizadas nos buffets assumem a

produção e a reprodução das condições de consumo da época, e as práticas festivas se colocam a lógica produtivista. Portanto, os buffets oferecem espaço adequado com brinquedos e monitores, que buscam analisar as novas preferências das famílias ao transpor as celebrações para um ambiente comercial e a oferta do mercado com produtos e serviços especializados, que atento a essas necessidades e anseios dos pais e das crianças em datas especiais, adentram nos lares através de diferentes mídias com opções de comemorações em estabelecimentos comerciais, promovendo integração social entre familiares e amigos.

Como visto acima, os buffets infantis, oferecem serviços que promovem a realização dos sonhos e desejos do público infantil, no que diz respeito à decoração do ambiente, incluindo convites, decoração, brinquedos, comidas, bebidas, fantasias, de acordo com a temática da festa, geralmente ligada a um personagem imaginário, escolhido pelo aniversariante, fazendo que no dia do aniversário, a criança se sinta o personagem principal de sua estória, seja, um super-herói ou uma princesa, vivendo num mundo mágico repleto de fantasias, onde a imaginação não tem limites.

3. Percurso metodológico

Esta pesquisa possui caráter qualitativo com característica exploratória. Segundo Gomes e Amaral (2005, p. 52):

O objeto da pesquisa social qualitativa é a ação e não o comportamento. Diante do objeto ação-significação, o pesquisador busca compreender as formas de comportamento e os significados que os atores lhes atribuem por meio de suas interações sociais.

Além disso, possibilita a proximidade entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa no sentido de fazer comunicar e compreender a complexidade do fenômeno estudado, diante a isso percebe que essa abordagem qualitativa irá atender as necessidades do objeto de estudo deste trabalho para que se consiga atingir os objetivos propostos. A pesquisa exploratória possui um caráter mais descritivo e “consiste em buscar elementos que visam a uma compreensão geral das características apresentadas pelo objeto de estudo” (GOMES ; AMARAL, 2005, p. 66).

Para isso, houve combinação da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica será feita por meio de análise de artigos, dissertações, periódicos, coletâneas e livros que pertencem ao acervo das bibliotecas integradas da Universidade Federal de Minas Gerais, Google Acadêmico e da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, tendo com eixos principais, os estudos que se referem ao Lazer, Festas (principalmente relacionadas a festa infantil) e Animador Cultural, no sentido de fundamentar a construção das análises. Gomes e Amaral (2005,p.64) afirmam que:

Os resultados da pesquisa bibliográfica apontam para o conhecimento sobre diferentes abordagens de um tema ao longo do tempo, ou ainda para a identificação das relações e dos vínculos entre processos de construção, resultados e aplicações do conhecimento.

A pesquisa de campo foi realizada com uma empresa, que fornece os animadores para os Buffets de Belo Horizonte, já que estes terceirizam os serviços de animação, que consistiu na realização de entrevistas semi-estruturadas que constitui uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de

esclarecimento” (LAVILLE ; DIONNE, 1999, p. 188). Sendo que as entrevista semi-estruturadas foram realizadas com três animadores e um dos sócios dessa empresa, que tem como objetivo conhecer os animadores quanto a sua formação e características para a sua intervenção e os sócios para saber se há uma preocupação em relação a formação e atuação desses sujeitos.

Para a realização dessas entrevistas, foi feito um contato formal com a empresa escolhida a partir da indicação dos buffets infantis que entrei em contato, esclarecendo os objetivos, procedimentos que serão utilizados na pesquisa, assim como a importância do estudo. A pesquisa será realizada com animadores dessa empresa da cidade de Belo Horizonte/MG, por perceber que isso depende do tempo disponível e de custos, que sendo realizada em outra cidade seria inviável a realização da mesma. Os animadores foram selecionados a partir de uma lista de 100 animadores, porém teve o critério de quem trabalha em festas infantis e com maior frequência. Assim, a empresa me disponibilizou o contato de quatro animadores e dos dois sócios da empresa. Devido ao tempo destinado e programado para a realização das entrevistas e o tempo que foi disponibilizado pelos sujeitos, consegui apenas três animadores e um dos sócios, já que um animador não compareceu no dia marcado para entrevista e um dos sócios não ter essa disponibilidade. As entrevistas foram realizadas com data, local e horários combinados com os entrevistados, sendo que estas somente serão realizadas mediante a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

A análise de dados será realizada a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) das entrevistas realizadas com os animadores e com os sócios. Que consiste em 3 etapas: 1) a pré-análise, seria a organização do material; 2) a exploração do material (administração das informações extraídas da fase anterior, ou seja, operacionalizar e sistematizar as idéias iniciais para um plano de análise); 3) a fase de tratamento dos resultados, assim como a sua interpretação (os resultados terão que ser tratados para se tornarem significativos e válidos, condensando as informações).

3.1 Análise e discussão de dados

Para análise das respostas foram criadas categorias de acordo com o objeto de estudo e as subjetividades apresentadas nas respostas a fim de alcançar um conhecimento mais completo e adequado da realidade. Para isso, foram criadas algumas categorias, que são: a) Compreendendo a formação e a trajetória dos animadores de festa; b) Perfil, conhecimentos, competências e habilidades necessárias ao animador para sua inserção e atuação nessa área; c) Atuação Profissional; d) Compreensão de recreação e lazer. Para manter a identidade dos animadores e sócios eu os caracterizei como entrevistado de um a quatro, além de preservar os nomes de pessoas e empresas citadas nas entrevistas utilizando termos e letras como: sujeito A e empresa A, empresa B, empresa C e empresa D.

Caracterização dos sujeitos

As entrevistas foram realizadas com 3 animadores e 1 sócio da empresa, com idades entre 24 e 35 anos e tempo de atuação como animador variando entre 5 e 10 anos. Sendo que, eles vivem da animação ou de empregos e empresas diretamente relacionados com a promoção de eventos. Possuem, cada um deles, a seguinte formação: um graduado em Educação Física e pós graduado em eventos, dois tiveram a graduação incompleta, um no curso de turismo e outro em produção de eventos e o outro não revelou a sua formação.

a) Compreendendo a formação e a trajetória dos animadores de festa

As discussões acerca da formação dos profissionais que atuam na área do Lazer se mostram necessárias. Estudos vêm sendo desenvolvidos a partir dos anos de 1990 e apontam a necessidade de uma formação específica e aprofundada sobre o tema como revela Isayama (2010). O autor, acrescenta ainda a necessidade de (re)pensar essa formação e como ela se configura na realidade brasileira.

De acordo com Isayama (2010) a formação desse profissional de Lazer acontece em duas perspectivas: 1) formação de um profissional mais técnico, tendo domínio de conteúdos específicos e suas metodologias, ou seja, familiarizar com práticas e atividades que farão parte da sua atuação; 2) formação centrada no

conhecimento, cultura e crítica, através da construção de saberes e competências ligados ao comprometimento, tendo domínio dos conteúdos e seus significados nos diferentes contextos da sociedade. E a primeira perspectiva deu origem ao tecnicismo, no qual “a prática torna-se o eixo de formação e sua realização tende a minimizar o papel da teoria na ação profissional” (ISAYAMA, 2010, p. 12). Werneck citada por Bustamante e Rangel (2002, p. 111) ainda acrescenta que:

Quando a formação no lazer é fundamentada nessa perspectiva por meio do consumo puramente técnico de um rol de ‘práticas recreativas’, da ênfase no conhecimento de um número determinado de jogos e brincadeiras, bem como da compra alienada de bens/serviços de lazer, são feridos os princípios de autonomia dos sujeitos e fica limitado o potencial teórico-prático lúdico, crítico, criativo, interdisciplinar que pode ser vivenciado nessas experiências.

A partir dessa discussão eu pude observar que os animadores entrevistados não possuem uma formação em específico, sendo um graduado em Educação Física e pós graduado em eventos, dois tiveram a graduação incompleta, um no curso de turismo e outro em produção de eventos, sendo essa interrupção devido ao tempo dedicado ao trabalho como animador, que diminuía o tempo disponível para os estudos e o outro não revelou a sua formação. Porém, eles revelaram as suas trajetórias até chegarem a ser animador de festa e com isso pude perceber que esses profissionais ou começaram a atuar apenas pelo fato de quererem começar a ganhar seu sustento, ou a partir da realização de um curso na área da recreação ministrado pelo sócio da empresa no SENAC como ilustrado nas falas abaixo:

Dos 100% dos animadores que tem no mercado, que giram hoje em Belo Horizonte, 10% é formado por Educação Física ou veio desse ambiente de Educação Física, o resto veio porque é dom, o resto é o cara que começou como palhaço, que era o perfil de adolescente e criança e isso é um dom pra ele, ele pôde, achou ali uma oportunidade de ganhar uma grana, fazer um dinheiro como animador, ai ele bombou, então assim, eu fico vendo isso, hoje em Belo Horizonte que faz sucesso com isso são uns 4 ou 5 ai (ENTREVISTADO 4)

Foi assim, eu tinha no começo, eu sempre estudava de tarde, comecei estudar de manhã, ai a tarde começou ficar vazia eu procurei um curso pra mim fazer, ai eu achei um curso no SENAC, ai fiz o curso, uns do professores é o sujeito A, dono dessa empresa, ai ele gostou do meu jeito e começou a me dar trabalho, eu tinha 16 anos mais ou menos (...) ai com 18 anos quando eu formei na escola, eu fiz turismo que também tinha umas áreas de recreação, só que não deu certo, embarquei para educação física, e formei em educação física. Desde então que eu fiz este curso pra cá, comecei a fazer novos cursos aprimorando e trabalhando com isso em

diversas áreas festas infantil, 15 anos, fiz casamento, formatura e tudo, tudo mais. (ENTREVISTADO 3)

Uai, até que, que, desde, desde da minha idade, desde os meus 16 anos, comecei pequeno, não com a recreação, comecei assim trabalhando na roça, altos lugares, bar, trabalhei em kart, ai quando surgiu a recreação, surgiu pouco tempo, eu trabalhei, fiz o curso com o sujeito A, de 3 meses no SENAC, ai nesses 3 meses eu fui aprendendo com ele, eu era um garoto revoltado ainda, aprendendo, aprendendo, aprendendo, aprendendo, ai, até onde ele me colocou na empresa, ai nunca mais eu sai, ai ficou ai a recreação com o Tio X, com o pessoal. (ENTREVISTADO 1)

A empresa não incentiva os animadores a participarem de cursos na área da recreação. Em relação à importância da participação dos animadores em cursos ofertados pelo mercado acerca do campo de atuação deles, pude perceber que há, entre eles, um consenso quanto a essa importância, sendo que um não soube explicar o por quê, outro criticou pelo fato de não ter cursos bons para se fazer uma base, indicando as próprias festas como um excelente curso, pois você aprende fazendo, outro acredita que esses cursos são bons para se descobrir como animador e o último criticou pelo fato deles visarem o lucro, como pode ser percebido na fala abaixo:

O problema é que o pessoal tá visando tanto dinheiro e, e, e realmente o que era o conhecimento que, eles me bombaram dos dois, porque quando eu cheguei lá e comecei a ver, o pessoal veio com alguns cursos de bichinho de balão, pintura facial e a gente não queria. E quando eu comecei a conversar com o pessoal do Rio, pessoal de São Paulo, pessoal do Sul, a gente queria ter a troca de conhecimento de linguagem de brincadeiras. (ENTREVISTADO 4)

A empresa, que foi o meu objeto de estudo, tenta realizar cursos de capacitação e qualificação para os animadores, aberto também para a comunidade, pelo menos uma vez ao ano, pois é nesse curso que o sócio consegue identificar aquelas pessoas que possuem o dom para a animação, ou seja, aqueles que possuem as características necessárias para a atuação como animador. Nesta empresa não possui um processo seletivo em que há candidatos e algumas etapas. Mas, acontece um processo de seleção diferente dentro da empresa como se fosse um tipo de 'caça talentos', pois quem quer entrar na empresa começa como monitor de brinquedo, e este é observado pelos animadores que estão na festa, participa de oficinas que são marcadas com frequência para os animadores ensaiarem as brincadeiras, sendo estes são os momentos em que o monitor pode mostrar as suas

habilidades com a animação e aquele monitor que apresentar características específicas de um animador, é convidado a começar a trabalhar como animador.

Os motivos que levaram os entrevistados a se tornarem animadores de festa, foram: possuir alguns primos que atuavam como animadores nas festas, porém era muito tímido e viu isso como um dificultador para se tornar um animador, assim ele começou na equipe de montagem das animações, e a partir da sua curiosidade começou a aprender a conduzir uma animação, ajudando-o a perder a timidez; outros perceberam que possuíam um perfil para se atuar nesse meio, e dentre as respostas destaque aquele que percebeu a oportunidade de sair de uma vida sem muitas expectativas, como observado na fala:

Pô, foi 3 anos da minha vida, foi dois anos da minha vida que fiquei louco e não queria nada, com a vida, deixei encostado, cheguei até a fazer besteira, mas na hora que eu olhei e fiz esses 3 meses de curso com o sujeito A eu, eu falei que a vida é outra, o sujeito A me ajudou, falou assim que você tem que mudar, eu vou te ajudar, e graças a Deus mudamos, eu mudei, hoje eu sou um cara conhecido da empresa, sou bacana, sou tranquilo entendeu, falta uma parte de mim que é a minha mãe e minha tia, mas graças a Deus tenho o meu paizão hoje, que cuida de mim, olha pra mim, até com 30 anos né, porque é meu paizão, mas assim, o que me fez isso foi a perda da minha mãe e da minha tia, que me doeu muito e hoje eu sou o que sou, o X, graças a elas também.

b) Perfil, conhecimentos, competências e habilidades necessárias ao animador para sua inserção e atuação nessa área

Melo (2003) relata que o profissional que atua na área do lazer deve buscar algumas características específicas, que também posso chamar de competências e habilidades, tais como: Formação, Liderança; Comunicação; Criatividade; Organização; Atualização e Senso Crítico. Sendo que cada uma dessas características serão descritas abaixo de acordo com a proposta de Melo e composta por algum comentário que eu achar pertinente, para exemplificar trarei nas falas dos animadores a importância de cada uma delas na sua atuação. E para começar, na formação é ressaltado que esse profissional mantenha diálogos com outros profissionais para compreender a sua intervenção com outras linguagens, porém esse diálogo foi apenas ressaltado que existe já no campo de atuação:

Eu tenho gente de teatro que vai ajudar, eu tenho gente, é, eu e o a gente senta e cria esse conceito, eu tenho por exemplo, com toda empresa que quer por exemplo essa de hoje que eu tava apresentando pra você, foi sobre sustentabilidade, eu sentei com ela, contratei a menina que faz o teatro, escreveu um roteiro pra mim, depois do roteiro, eu passei pra esses animadores que são gente que não era formada em nada, mas tem esse dom, eles fizeram. (ENTREVISTADO 4)

Na liderança deve-se conduzir a sua equipe para um desenvolvimento da criatividade, estimulando-a, além de construir processos avaliativos que possibilitem a superação qualitativa das suas ações; e a atividade, como comentada anteriormente, deve ser elaborada *em conjunto* com o público e não *para* o público, porém essa elaboração com o público não é percebida como já discutida anteriormente. Na comunicação deve-se manter o contato freqüente com o público-alvo e com outros profissionais, objetivando a multidisciplinaridade; sendo que ninguém espera encontrar num espaço de lazer um animador chato, mal-humorado e impaciente, o qual irei comentar logo em seguida a essa discussão. Na criatividade é lembrado a capacidade de inovar, criar e recriar as suas propostas, para isso deve-se manter contato com o público para descobrir novas alternativas de intervenção. Para ilustrar essas três características:

Comunicativo, de cara líder, ele por exemplo quando a gente faz, tem muita dinâmica aqui em baixo, uma dinâmica que, por exemplo, que a gente faz de estafeta, a própria forma e clareza de falar, dele prender as pessoas na animação, cê vê que o cara tem esse dom e que pode ser lapidado (...) na animação dele, sabe, e ai galera, a forma de comunicar, a forma dele chamar a atenção, atrair pra ele a criatividade, então assim, criatividade, liderança, a questão da animação e, e desse envolvimento ai de um pouco até do teatro, cê vê que ele tem o dom na hora, e esse dom é difícil ter hoje no mercado. (ENTREVISTADO 4)

Na organização é necessário desenvolver a capacidade de planejar, operacionalizar e avaliar projetos de curto a longo prazo, nessa organização dois dos entrevistados dizem realizar por eles terem a função de produtor de eventos na empresa como ilustrado nas falas deles:

Aqui eu sou produtor e animador. Então eu produzo desde o inicio da festa que é organizar mesmo, quem vai fazer o que, questão de material o que tem que comprar o que não tem atuo no evento e pós evento se deu tudo certo, o que deu errado para não repetir os erros, né. (ENTREVISTADO 3)

Olha , eu hoje tenho a carteira assinada aqui na empresa, é tenho a função de produtor de eventos aqui na empresa e faço freelance no fim de semana, como animador, como de DJ, como técnico de animação, técnico de som,

com montagem também de equipamentos, é, é o que eu faço.
(ENTREVISTADO 2)

Na atualização, é importante nutrir o gosto pela leitura e a busca por informação, pude perceber que essa atualização se procede através do pedido do cliente, como lançamento de algum tema que eles ainda não elaboraram uma animação específica e até mesmo o imprevisto é confundido com ser atualizado:

Bom, é a gente fala que o recreador ele tem que tá sempre atualizado, sempre de temas atuais, porque a recreação é um pouco parecida com comédia, stand-up, é a gente trabalha muito com temas atuais, então é mais estar atualizado mesmo, de tá sempre ligado no, no que tá acontecendo ao nosso redor, porque o recreador acaba sendo um comediante, então é sempre tá atualizado mesmo no dia a dia. (ENTREVISTADO 2)

E o senso crítico é perceber como as diferenças sociais podem influenciar o seu trabalho, construindo um pratica de inclusão social e de contribuição para a superação do *status quo*, porém essa característica não foi exposta na fala dos animadores, o qual revela, novamente, a importância de se ter uma formação que contribua na reflexão sobre a sua atuação, como a proposta de Bustamante e Rangel (2002), no que diz respeito ao ensino reflexivo, como já comentado antes.

Quanto ao perfil dos animadores, que não deixa de ser características também, eles ainda relataram que é necessário ser animado, extrovertido, desinibido (não ter vergonha), ter espontaneidade, estar sempre bem e sorrindo, como podemos perceber essas características nas falas abaixo:

A pessoa animada, extrovertida que não tenha vergonha, comunicativa, é isso sim vergonha, comunicativa que tenha vontade e só, sem preguiça porque às vezes você vai emendar 4 ou 5 festas uma atrás da outra, tem que ter animo mesmo. É mais isso não ter vergonha, ser desinibido, comunicativo, porque o resto é decorar as brincadeiras e querer brincar mesmo, não tem muito segredo não. (...) Pelo menos eu penso e sempre tipo assim, eu posso estar cansado, pode tá o que for, mas eu to entrando ali, to brincando com a festa de uma criança que esperou o ano inteiro para aquilo, então não é porque eu to cansado que eu tenho que fazer o negocio de qualquer jeito não é porque as vezes a empresa ta me pagando mal ou porque ta corrido que eu tenho que fazer de qualquer jeito, eu tenho que fazer o melhor pra festa da certo, então é isso, ta com vontade de fazer o negocio dar certo já é metade do caminho andado, o resto é consequência mesmo (...)você vai ser o centro de atenção por alguns minutos, então é querer fazer e ta disposto a fazer aquilo mesmo. (ENTREVISTADO 3)

Que atrás de um grande animador tem uma grande tristeza, que a gente fala pra todo mundo, mas ninguém acredita, porque a gente fica o tempo todo só animando. Então animação, animação uma atrás da outra, rindo, sorrindo, contando piada, fazendo palhaçada o tempo todo, (...). Então o

tempo todo, palhaçada, palhaçada, nunca a gente fica sério, a gente só fica sério quando a gente chega em casa, que dá pra dê... descansar.
(ENTREVISTADO 1)

A partir dos trechos acima, dos entrevistados 1 e 3, é observado uma preocupação em estar sempre bem para os convidados e por isso convêm trazer as falas de Marcelino (2000) que pondera alguns profissionais do lazer, por venderem a própria personalidade nas organizações do trabalho, inspirados em manuais de auto-ajuda, no qual o bom humor não pode ser mais fundamental que competência para o profissional. O autor ainda acrescenta que o bom humor não pode ser considerado como bobo-alegrismo, do sorriso e de solitudes artificiais estampadas nos lábios, mas sim fruto da situação geral de trabalho, quando o mesmo é prazeroso. Porém, não posso afirmar que esses dois entrevistados não têm prazer na sua atuação, pois não tenho trechos das falas deles em que conseguisse encontrar alguma insatisfação com essa profissão exercida por eles ou com relação à empresa.

Outra característica que foi bastante ressaltada pelos animadores e sócio foi o dom, em que posso categorizá-lo como habilidade já que este é tratado como o poder de saber recrear. Pinto citado por Isayama (2010) comenta que a idéia de ser um animador, ganha força a partir da necessidade de se possuir um “dom”, independente da sua formação. Isayama acrescenta que por mais que já tenha superado a idéia do profissional nato, ela ainda continua sendo difundida e este profissional que possui esse “dom” teria apenas que aprender a logística da ordenação das etapas e recursos do trabalho, sendo que este aprendizado varia em cada local de trabalho.

Para entender melhor esse fenômeno, busquei estudos que pudessem explicar melhor esse “dom”, uma vez que este termo aparece muitas vezes nas falas dos animadores e sócio para caracterizar certa ação que não é ensinada. Arlei Sander Damo discute em seu livro “Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França”, sendo que a palavra “dom” é bastante utilizada pelos jogadores e profissionais do futebol e para tanto, tentarei transpor algum entendimento sobre o dom dos futebolistas para o dom também presente na área do lazer, que aqui será tratado para os animadores de festa.

Damo (2007, p. 185) começa comentando que o dom é um termo complexo “como o amor, a vida, a morte, a inveja, a tristeza, a saudade e outros dos quais os

poetas se ocupam, pois só a ciência só consegue tangenciá-los”, para tentar entender esse termo que possui uma multiplicidade de significados contextuais foi necessário condensar o mesmo em torno de dois eixos: 1) como sinônimo de talento e 2) como sinônimo de dádiva. O primeiro remete o dom a uma predisposição inata, algo que está no sujeito e pode ser aperfeiçoado. O segundo equivale o dom a uma predisposição que, além de inata, é herdada, sendo um instinto que Deus deu, em que o sujeito percebe não apenas como um portador, mas também como um receptor de um dom, como se fosse predestinado. Assim, o autor percebeu que os formadores dos jogadores de futebol preferem utilizar a palavra talento, por se afastar de influências religiosas, o qual o termo dom remete, além de que, utilizando este termo, os jogadores estarão menos sujeitos ao reconhecimento do aprendizado que remete ao trabalho dos formadores, sendo que estes últimos poderiam ser chamados de ‘lapidadores do dom’. Como pode ser exemplificado na fala do entrevistado 4 quando se remete às habilidades que um animador deve possuir para ser excelente, que ele diz assim “o cara tem esse dom e que pode ser lapidado”.

Porém, pude perceber que o animador que não tem esse dom, ele pode aprender a ser um, mas para isso é necessário maior tempo dedicado aos ensaios, tendo uma espécie de manual de como se faz uma boa animação como ilustrado na primeira fala, e na segunda a contradição de ser muito tímido e virar um animador:

Eu tenho excelentes monitores aqui que aprenderam a serem excelentes monitor... é animadores, mas eles sabem certinho oh, a primeira brincadeira é uma dança recreativa, pra você quebrar o gelo, depois a segunda brincadeira é uma atividade de estafeta que todo mundo já conhece, mas cê sabe que é uma atividade que tem 99% de chance de não dar errado, que é igual ao cabo de guerra, então eu passo pra quem não tem esse dom, eu já faço sabe , um manual de como a festa não se dá errado, isso é fácil, começa com uma dança recreativa, quebrou o gelo da criança e chamou atenção, vai para um cabo de guerra, depois tem uma outra: atenção com o panoball, que envolve futebol, que cê fala assim, eu nunca falo que é o panoball, ‘Criançada, vamo participar agora de uma forma que tem futebol e queimada’, que menina não gosta de jogar queimada e que menino não gosta de futebol, ai o que chega ali e só tem que segurar no paninho, eu pego a criança de 3 a 12 anos e brinco ali, até com o pai, então assim, a gente tem tanta maldade nesse ramo de brincadeiras, que assim, que chamo de 10 brincadeiras chaves para a festa ter 100% de êxito, entendeu.(ENTREVISTADO 4)

Eu era até muito tímido, eu achava que não daria para um animador, e ai a medida que eu fui fazendo, eu comecei a, a desenvolver um trabalho com a equipe de montagem, (...), fui querendo aprender, eu fui tendo mais curiosidade sobre essa questão de animador, de falar, de ser desinibido, eu era muito, é.. eu era muito tímido, eu achava que eu não tinha jeito, (...) e acabei dando no que deu, como dizem virei um sem vergonha, né (risada).

É animador a gente diz que é sem vergonha mais por questão de ter facilidade de comunicação. (ENTREVISTADO 2)

c) Atuação Profissional

Para isso, Stoppa e Isayama (1999) frisam que a atuação de um profissional da lazer é diversificada, no qual é possível atuar em diversos espaços como o público e o privado, sendo que atualmente há um crescimento do setor de prestação de serviços, principalmente aos voltados para o consumo. Devido à diversidade de espaços de atuação, esse profissional recebe as mais variadas denominações, tais como: “monitor de lazer, recreacionista, militante cultural, consultor de lazer, animador cultural, entre outras” (STOPPA e ISAYAMA, 1999, p. 168).

Melo (2004) faz a opção pela utilização do termo ‘animador cultural’ por acreditar que este que atua na área do Lazer, deve possibilitar uma intervenção pedagógica no campo do Lazer, pensando nos conteúdos culturais do lazer, valores, como suas representações e sensibilidades, no qual ele é o responsável por identificar e programar o que julga necessário para o seu público. De acordo com o autor supracitado, o animador cultural tem a responsabilidade de ser também um formador cultural, possibilitando ao seu público à maior vivência possível da diversidade cultural, educando de forma subjetiva para a construção de um novo modelo da sociedade, além de gerar propostas juntamente com o público.

Porém, a atuação, em específico dos animadores de festa infantil, vem sendo percebida por estudiosos do lazer como desatenta com um processo de intervenção mais crítico e comprometido com um determinado processo de educação emancipatório, como ilustrado por Rosa (2007, p. 203):

Em muitas dessas festas, há a presença do animador, que tem entre os seus objetivos, divertir as pessoas em um tempo e lugar específicos. *Suas ações são programadas independentemente das necessidades e desejos do público atendido*, pois, na maioria das vezes, ele é mais uma atração no pacote festivo, composto por um conjunto de elementos que constituem a impessoalidade da festa. *Suas ações, portanto, apresentam-se associadas a um pacote de atividades*, a uma cultura de eventos. (grifos meus)

A partir dessa fala de Rosa e da definição de um ideal de animador defendida por Melo, percebo que os animadores que atuam nas festas, compreendem a importância e necessidade desse tipo de atuação nas festas de diferentes maneiras. Essa conclusão pôde ser constatada nos relatos abaixo, sendo que o trecho abaixo

do entrevistado 3, considera importante a mera ocupação do tempo das crianças, quando ele fala sobre as crianças estarem brincando ao mesmo tempo:

Não é uma necessidade (...), mas é importante para as crianças ficarem brincando com descontração, o brinquedo se torna cansativo, por ser uma coisa o tempo todo, então a animação é legal porque é o interativo, ela é participativa, as crianças brincam muito, (...), então é legal a parte de animação é isso, ta todo mundo brincando ao mesmo tempo né, e a participação de uma coisa diferente, você faz uma atividade nova durante a festa. (ENTREVISTADO 3)

Enquanto que outro compreende a sua atuação como sendo o diferencial da festa, levando distração para os convidados como pode ser percebido na sua fala:

Olha a gente antigamente falava que era é, seria bom ter um animador, hoje a gente fala que é quase necessário igual uma alimentação, igual um som da um diferencial, o animador da o diferencial da festa, não existe mais aquelas festinhas monótonas de chegar e sentar, conversar, comer, beber e ir embora, hoje tem que ter o diferencial que é a questão da animação, que realmente é o que faz a diferença. Que a pessoa chega, às vezes com problema, é, ninguém nunca ta 100%, as vezes você chega com problema de casa, você não vai chegar e expor o seu problema para ninguém, então esse momento do animador ta na festa, é o momento de distrair, de esquecer um pouco de levantar a cabeça e pelo menos de dá até um momento de distração ali, é o papel ideal do animador, por isso que a gente fala sempre, o diferencial na festa, o animador que trás esse tchanzinho na festa. (ENTREVISTADO 2)

Pude perceber a presença de um lazer do consumo e suas conseqüências na fala de um dos animadores entrevistados em que percebe a sua importância como um contribuidor para o desenvolvimento e formação da criança para o brincar, como alegado na fala:

Primeira coisa que hoje pra mim, a criança hoje, a criança, nessa, nessa geração, nessa nova geração ai ela não consegue brincar sozinha, (...) igual o meu filho, meu filho tem 8 anos e não sabe brincar sozinho, mesmo tendo um pai animador, ele não consegue brincar sozinho, ele é incapaz de ter essa criatividade e chegar para os outros dois, que eu tenho 3 filhos, brincar de pega-pega, (...) então assim, o menino que já tem lá uma cama elástica, pronto, ai antigamente não tinha isso, você tinha que criar, até eu falo muito isso, antigamente os jogos que aconteceu dentro da sala de aula, era jogos assim, onde hoje que o menino aprende a participar de uma, de uma rouba-bandeira, numa Colônia de Férias, porque vai ter um animador lá para inserir isso. (ENTREVISTADO 4).

A partir dessa fala do entrevistado 4, posso considerar esse fato como um exemplo de possibilidade de ampliação da diversidade cultural de brincadeiras dessas crianças, que participam da animação, como apontado na reflexão de Walter

Kohan citado por Debortolli et. al. (2008) que fala da necessidade de não se perder a fase da infância, uma vez que ela proporciona a capacidade de se inventar, de encontrar novos inícios, de abrir a possibilidade de falar para criar um novo mundo e não para, somente, reproduzir as coisas desse mundo, como pode ser percebida na fala do entrevistado 4, em que as crianças hoje estão condicionadas a brincar com aquilo que eles têm, porém não são capazes de chamar o irmão para brincar e inventar juntos uma brincadeira. Podemos ainda acrescentar que há uma educação pelo lazer, como discute Marcellino (2002), no qual é necessário considerar suas potencialidades para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, por mais que não há uma preocupação, pelo menos explícita na fala dos animadores, a respeito da preocupação com o desenvolvimento dessas crianças que estão participando das atividades propostas. E a partir disso pergunto: Será que o papel do animador é realmente ensinar as crianças a brincar? Ou apenas fazer o papel de um sujeito divertido?

Em relação as atividades que são realizadas com as crianças há uma convergência das opiniões dos animadores quando a elaboração, planejamento e execução dessas atividades. Todos os animadores disseram que há uma preocupação no que diz respeito a vontade da mãe, ou seja, se a mãe pede uma determinada brincadeira, ou um determinado tema, eles realizam, todavia eles não sabem ao certo quais as atividades que serão realizadas na festa, por ter uma determinada pessoa responsável em separar o material que será utilizado durante a animação, que vai dentro de um “baú de brincadeiras”. Nesse baú geralmente vão brincadeiras pré prontas, que eles já conhecem, que eles já sabem como devem desenvolver tal atividade, tendo assim, um certo padrão na sua execução. Apenas quando a mãe pede algo relacionado com algum tema da festa da criança, que eles ainda não têm uma brincadeira específica para isso, é que há a criação da mesma, porém essa é criada com antecedência a realização da festa. Assim, pelo fato das atividades já serem previamente orientadas, ensaiadas, com um determinado figurino, maquiagem, treinamento, podemos dizer que esses atores/sujeitos utilizam de “pacotes de atividades” na sua animação como relatado na fala de Rosa (2007) citada acima, além de não envolverem as crianças/convidados no processo de elaboração das mesmas. Como podemos perceber nos trechos da fala do animador:

Bom ai depende muito né, porque a mãe liga e fala, eu quero só o cabo de guerra, mas só que a gente tem um baú que vai várias brincadeiras, o cabo de guerra, o panoball, que é o do bandeirão de futebol, que é o futebol com a mão, cabo de guerra, o panoball, a corrida do pregador, a corrida dos sacos, são várias brincadeiras, fora aquelas que a gente faz né (...) o sujeito A que agora, que elabora, que fica lá em baixo organizando, ai a mãe fala eu quero do, por exemplo do Ben 10, ai vai um baú só com as brincadeiras do Ben 10, mas tipo assim, que a mãe pediu mais voltado, mas sempre que os baú, vai, tipo igual pra todas as festas, mas sempre aumenta uma coisa (...) o Sujeito A, monta o Baú e o animador não sabe o que ta dentro do baú, e sou eu indicado pra ir para a festa, e ele vai pra festa e nesse momento que ele chega na festa é a mesma coisa de abrir o baú e uou só tem um rato, ai se vira pra brincar com essa criançada, ou abre outro baú e só tem uma corda e o que que eu faço, mas a gente sabe, cê vai puxar a gincana, então é isso, então tá, eu já sei que vai um baú, só que eu não sei o que vai lá dentro, ai quando eu chego lá eu tiro, a gente olha sempre antes de fazer a gincana, a gente olha o baú primeiro. (ENTREVISTADO 1).

A respeito da atuação deles, percebi a dificuldade em relatar suas respectivas lógicas de intervenção. O discurso se guia em função de contribuir para os momentos de lazer dos convidados que estão nas festas, como ilustrado na fala de um dos animadores:

É igual eu te falei, as vezes o lazer é uma coisa muito relativa. O que é lazer para mim, não necessariamente será lazer para outra pessoa, então, mas é um momento da festa que todo mundo se diverte sim, normalmente nas festas que a gente, 80, 70% das crianças se gruda com a gente, (...) não é uma coisa que elas estão acostumada a fazer, e elas estão num aniversário, elas tão num momento de distração, elas já estão num momento de lazer, pois elas não estão em casa, não tão estudando, então já num momento de lazer, então é mais isso, ai cê propõe uma coisa diferente para eles, para não ficar 5, 4 horas fazendo a mesma coisa. É um momento de fazer coisas novas, diferentes e a gente ta lá pra propor as atividades. (ENTREVISTADO 3)

A dificuldade expressada na fala acima do entrevistado 3, pode-se ser considerada devido a não reflexão da sua ação, que é uma dificuldade também encontrada na formação desse animador, uma vez que se discute muito a importância de se ter um ensino reflexivo. Como relatado por Bustamante e Rangel (2002) que discutem os limites e as possibilidades de construção de uma prática reflexiva pelo profissional de lazer, “na tentativa de favorecer uma prática, autônoma, crítica e construída pelos sujeitos nela envolvidos” (BUSTAMANTE e RANGEL, 2002, p.110), no qual a sua formação deve ser pautada na discussão da prática, através da teoria e a atuação fundamentada na teoria, ou seja, a dicotomia entre teoria e pratica deve ser (re)pensada a partir da interação entre as duas, percebendo o que uma pode auxiliar, no sentido de complementar/contribuir a ação da outra,

dessa maneira, a importância entre a teoria e prática é semelhante. Mostrando assim, que esses profissionais possuem uma preparação restrita para atuar nessa área, uma vez que essa reflexão não é exigida pelas empresas, para atuar como animador de festa.

Apesar dessa preparação/formação restrita pude perceber nas entrevistas que dois animadores, além da atuação como animador nessa empresa, possui empresa própria ou presta serviços para outras empresas relacionadas com eventos como observados nas falas abaixo:

Eu tenho um, uma empresa A própria minha, tem alguns brinquedos, tenho alguns monitores que trabalham comigo e presto serviço pra esta empresa A na parte da tarde, só na parte da tarde. (ENTREVISTADO 3)

Tenho a função de produtor de eventos aqui na empresa B e faço freelance no fim de semana, como animador, como de DJ, como técnico de animação, técnico de som, com montagem também de equipamentos, é, é eu faço, hoje eu devo ta girando em torno de umas 8 ou 9 empresas, de parceiros e amigos que eu tenho nesse ramo. (ENTREVISTADO 2)

O sócio dessa empresa, que entrevistei, além de possuir 50% das ações desta, comprou mais uma relacionada com decoração de festas, o qual ele acrescentou que se dedica a 60% para a empresa C de decoração e os outros 40% para a empresa D de animação. Acrescentou ainda que a animação realizada em eventos de grandes empresas está crescendo, uma vez que eles perceberam que o lazer proporcionado aos funcionários nesses eventos está ligado à qualidade de vida dos mesmos, entrando na lógica do mercado e na relação entre trabalho e lazer como discutido no capítulo Lazer e Mercado desse trabalho, além da participação em treinamentos empresariais como ilustrado na fala abaixo:

Esse lazer hoje, ele, ele é peça chave pro sucesso, pro sucesso do evento entendeu, então por exemplo, tem um treinamento empresarial, hoje, eu fiz um, a equipe acabou de chegar agora da Vale do Rio Doce, eu fiz um evento empresarial, que era uma semana interna de meio ambiente, dessa questão de sustentabilidade, e lá eu fiz através de uma imersão, foi um teatro, um sket, que eles queriam que eu passasse, unicamente para eles preservarem os jardins, porque eles revitalizaram os jardins e os escritórios, isso foi através de quê? Animadores! Eu tive 4 animadores lá fazendo esse projeto, (...) isso ai é essencial porque a pessoa absorve melhor o conceito, o conteúdo, igual lá hoje, eles quiseram passar o, essa questão da sustentabilidade, eles não quiseram lá um teatro, eles quiseram lá um teatro com animadores, porque a gente consegue passar isso com maior clareza pro perfil que tava lá, então assim (...) isso vai, vai, vai aumentar muito mais, é uma coisa que eu tinha, antigamente eu tinha eventos de quinta, sexta, sábado e domingo, hoje eu tenho eventos de segunda a segunda(...) um

pequeno gesto dali na hora, o cara todo dia vai lá entra na mina, volta e vai pra casa, vai lá pra mina, volta e 6 horas vai pra casa, entrego uma flor para ele ali, ele sorriu, entendeu? Já é outra, é outra visão, então isso é sucesso, então esse feeling a gente pegou.

Foi revelado que a empresa movimenta em torno de seis milhões de reais por mês. Com relação à remuneração dos animadores free-lance varia entre 40 e 55 reais, sendo essa variação de acordo com o tempo que trabalha na empresa e as funções que desempenha durante o evento, no qual o sócio relatou que esses monitores geralmente são trocados a cada dois anos, devido a pouca responsabilidade dos que entram. Sendo que, aqueles monitores de brinquedo que vêem uma oportunidade de crescimento, e possuir as características específicas para a intervenção nesse campo de atuação, podais chegar a receber em torno de seis mil reais por mês, como é o caso de um dos animadores entrevistados, porém deve-se deixar claro que essas pessoas vivem pelos eventos, nos quais realizam apenas no final de semana em torno de 3-4 animações além dos eventos realizados e funções exercidas no escritório da empresa durante a semana.

d) Compreensão de recreação e lazer

Em relação a compreensão sobre a recreação e o lazer, me baseia em Marcassa (2004, p. 202) para definir a recreação como sendo

“um saber-instrumento que foi apropriado pela escola, pelo lazer, pela família, pela igreja, pelo esporte, enfim, pelas diferentes instituições sociais que fazem dela uma manifestação com conteúdos, características e qualidades ajustáveis aos diferentes contextos e situações sociais.”

Para definir o Lazer utilizo as falas da Gomes (2004, p. 125):

“entendo o lazer como uma dimensão da cultura, constituída por meio da vivencia lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.”

A partir das definições acima, pude perceber que alguns desses profissionais não conhecem, ou melhor, não conseguem diferenciar a recreação do lazer e outros reduzem a recreação a realização de uma mera atividade, podendo não ser

prazeroso, e o lazer uma atividade que envolve o prazer, não realizando com a idéia de obrigatoriedade, ou até mesmo entendem o lazer como descanso e essencial para as pessoas que trabalham, enquanto a recreação como descontração, observado nos trechos abaixo:

Ah, muito boa, lazer e recreação, eu sempre sou, sou, sempre zugador, eu sempre fico zugador, lazer e recreação pra mim eu acho que caso junto com o casado, é junto, é um casal, eu brinco sempre, no lazer eu sou a mesma coisa (...)Eu sou assim, o lazer né, é o lazer, mas sempre na brincadeira, lazer. (ENTREVISTADO 1)

Bom, hoje eu acho essencial, eu acho que é essencial neste dia nosso de correria, de trabalho, de estresse, de tanta loucura que tá o nosso dia a dia, eu acho que é essencial pra ter um ponto que vai dar uma relaxada, uma distraída, uma descontração acho que hoje não é nem uma coisa mais assim, que se faça de vez enquanto, quanto o lazer, acho mais primordial que ter um lazer. A gente fala até que a recreação a pessoa precisa mais de recreação que o lazer a gente meio que sabe que é a mesma coisa, sabe que é na mesma área, mas a gente mesmo que difere porque a recreação é a parte que a pessoa vai... O lazer ela tá descansando a recreação ela tá descontraindo (ENTREVISTADO 2)

Lazer é qualquer coisa que você faça por gosto, por prazer sem obrigação de estar fazendo, e recreação na verdade são as atividades que você vai propor que pode ser um momento de lazer ou não, igual eu já cansei de ir em festa também que a criança tá brincando, por brincar, aí num é, cê vê que não é o lazer dela tá aqui, ela queria tá jogando vídeo game ou fazendo aquilo, mas é uma atividade recreativa e é uma atividade de recreação (...)pois a recreação as vezes, a gente tá fazendo um momento de recreação que não é prazeroso pra pessoa, então não se torna um lazer assim. (ENTREVISTADO 3)

Na questão de ser obrigado, eu sei discernir isso, a partir do momento que tem horário marcado pra chegar no, no horário do evento, a partir do momento que tem obrigatoriedade pra cumprir, eu não me sinto num ambiente de lazer, eu posso tá num ambiente de lazer pra outras pessoas (...)vamos supor, uma festa de final de ano, festa da família do colégio, teve a criança que teve um mês atrás, eu fui lá como recreador, eu tinha obrigatório de horário, eu tinha regras, eu tinha atividades para serem cumpridas, então pra mim eu era um recreador, agora pras pessoas e pra famílias que estavam ali participando daquela atividade, tiveram um lazer, uma manhã recreativa maravilhosa. Vocês tem que puxar, que se tem um horário pra se chegar num evento e um horário naquele, naquela data como obrigação já não conta como lazer, que entrega esse sentido de eufórico. (ENTREVISTADO 4)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida nesse trabalho me proporcionou entender melhor acerca desse lazer aliado ao consumo, desde a sua origem, a relação estabelecida entre o trabalho e o lazer, até a constituição desse fenômeno. Perpassei pelos espaços privados destinados à realização das festas infantis: os buffets infantis, espaços esses dedicados a promoção da realização dos sonhos e desejos das crianças embebidas das imagens, símbolos e consumo que a indústria cultural produz, promove e vende como mercadoria. E finalmente, me debrucei nos sujeitos que atuam nesses ambientes de festa dedicada ao mundo infantil que é o animador das festas infantis, importantes profissionais na constituição de uma festa de aniversário.

Nesse contexto do animador das festas infantis, pude identificar alguns pontos criticados pelos estudos, sendo um deles a formação desses profissionais. No qual eu trouxe para a discussão a necessidade de obter uma formação consistente, com um ensino reflexivo, no qual há uma preocupação em diminuir a distancia entre as pontes da dicotomia entre teoria e prática, porém posso afirmar que enquanto esses profissionais não perceberem que essa formação da forma como foi tratada, ou até mesmos os cursos que são ministrados na área de animação como um elemento importante e necessário para a sua intervenção, não haverá esforços dos mesmos em procurar as universidades e assim separar um tempo para os estudos, para suprir essa lacuna existente entre a formação e o animador. E essa situação, também, não irá mudar, enquanto as instituições que realizam esses cursos de formação não modificarem a sua metodologia de ensino, cativando mais seus alunos, para despertar o interesse e a importância em estudar, conhecer e refletir as e sobre as ações realizadas, e ampliando a diversidade cultural dos seus alunos, que futuramente irão se tornar profissionais atuantes no mercado.

Uma vez que esse mercado está carente de profissionais do lazer que possuem as características específicas para intervenção apropriada do campo, tais como: a formação reflexiva, a liderança, a comunicação, a criatividade, a organização, estar sempre atualizado/informado sobre as peculiaridades que

circundam a sociedade e ter senso crítico. Necessita-se também que esse mesmo profissional tenha o domínio de conteúdos referentes às diferentes manifestações culturais e compreenda o lazer não apenas como mera ocupação do tempo disponível. Porém, o trabalho mostrou que não são necessárias todas essas características em um só indivíduo, pois os entrevistados mostraram que são capazes de atuar na área do lazer tendo algumas características e que conseguem seu sustento a partir da animação que realizam, mesmo que sejam necessárias muitas horas de dedicação ao trabalho.

Mesmo com as deficiências encontradas na formação e intervenção/atuação dos animadores das festas infantis, esses profissionais não trabalham apenas com uma possibilidade de atuação, que é a festa infantil, eles têm a oportunidade de atuar em outros ambientes, como eventos empresariais, colônias de férias, acampamentos, intervenções em shoppings, realização de oficinas, ou seja, animação em qualquer tipo de festa e evento que seja solicitado a sua presença.

Contudo, percebo que ainda são necessários mais investigações no que diz respeito à atuação desses animadores, tendo trabalhos que observem esses profissionais na prática para analisar as estratégias e artifícios utilizados na sua prática. Assim como a visão de quem contrata os animadores, procurando investigar qual a representação desse sujeito nas festas e se a sua intervenção atende a realização dos desejos da criança aniversariante, uma vez que é ela quem cria uma expectativa para esse momento tão esperado.

5. Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUSTAMANTE, Glênia Oliveira; RANGEL, Irene Conceição Andrade. Por uma reflexão de Lazer. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n.3, p. 109-114.

CANTON, Antonia Marisa. Eventos. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 85-88.

CLEMENTE JUNIOR, Sergio dos Santos. **Festa das nações de Pariquera-açu, Vale do Ribeira, SP**: uma reflexão sobre hospitalidade e festa. 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi. Morumbi, São Paulo, 2006.

CLICKFESTASBH: Disponível em:

<<http://www.clickfestasbh.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=173&Itemid=27>>. Acesso em: 25 fev. 2010

DAMO, Arlei Sander. O espectro do dom. In:_____. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., 2007. p. 185-225.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; *et al.* As experiências de infância na metrópole. In:_____; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 19-46.

FIGUEIREDO, Jéssica Patrícia. Hospitalidade e comunicação nas festividades de Natal paulistanas. In: NP COMUNICAÇÃO, TURISMO E HOSPITALIDADE DO ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 6., 2006, **Anais ...** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, p. 1-9.

GOMES, Christianne Luce. Lazer - concepções. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-126.

GOMES, Christianne Luce Gomes e AMARAL, Maria Teresa Marques. **Estudos Avançados do Lazer**: Metodologia de Pesquisa Aplicada ao Lazer. Brasília: SIS/DN, 2005.

GRAVA, Cássia Aparecida Guerreiro. Festa Infantil como instrumento de comunicação e socialização. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., **Anais**...s/d. p. 1-11.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; GOMES, Christianne Luce. O lazer e as fases da vida. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e Sociedade**: múltiplas relações, Campinas: Alínea, 2008. p. 155-174.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Formação Profissional no âmbito do lazer: desafios e perspectivas. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.). **Lazer em estudo**: currículo e formação profissional, Campinas: Papirus, 2010. p. 9-25

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARCASSA, Luciana. Recreação. *In*: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 196-203.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. As barreiras para o Lazer. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 23-24.

_____. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.125-133, 2000.

_____. **Estudos do Lazer** – uma introdução. 3. ed., Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. Lazer e Cultura: algumas aproximações. *In*: _____. (Org.). **Lazer e Cultura**: múltiplas relações, Campinas: Alínea, 2008. p. 11-26.

_____. Lazer e Sociedade: algumas aproximações. *In*: _____.(Org.). **Lazer e Sociedade**, Campinas: Alínea, 2007. p. 9-30.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. A emergência do Lazer . *In*:_____. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003. Capítulo 1. p. 1-22.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Interesses Culturais do Lazer. In: _____. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003. Capítulo 3. p. 39-50.

_____. Animação Cultural. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 12-15.

_____. Conteúdos Culturais. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51-54.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12223&ativo=481&Itemid=480>. Acesso em: 23 out. 2010.

OLIVEIRA, Janete da Silva; FREITAS, Ricardo Ferreira. Consumo. In: GOMES, Christianne Luce. **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 48-51.

PEREZ, Léa Freitas. Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental. **Licere**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 1-15, jun., 2009.

REGINATO, Sídia Márcia Desousart. O que promove o lazer. O que promove o homem. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Empresa**. Campinas: Papirus, 2002. p. 123-137.

ROSA, Maria Cristina. As Festas e o Lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Cultura**. Campinas, 2007. p. 195-218.

SANTOS, Renan Gauthier Cardoso dos. **A festa na cidade**: da cidade ao Buffet – espaços de consumo. 2007. 81 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em bacharel em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2007.


SAYÃO, Roseli. **Festas de Aniversário**. Disponível em :
<http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2006-09-16_2006-09-30.html>.
Acesso em: 24 de jun. 2011

STOPPA Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer e empresa: a questão do lazer dos profissionais do lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Empresa**, Campinas: Papirus, 2003. p. 163-175.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer e Mercado: Panorama atual e implicações na sociedade brasileira. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e Mercado**, Campinas: Papirus, 2001. p. 13-44.

WERNECK, Christianne Luce Gomes; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer, Cultura, Indústria Cultural e Consumo. In: WERNECK, Christianne Luce Gomes; STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira. **Lazer e Mercado**, Campinas: Papirus, 2001. p. 45-69.

6. APÊNDICE A: Carta encaminhada a empresa de animação

	<p style="text-align: center;">Universidade Federal de Minas Gerais Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Curso de Bacharelado em Educação Física</p> <p>Carta de apresentação da pesquisa intitulada: “Da Formação à Atuação do profissional do lazer: o caso dos animadores de festas infantis”.</p> <p style="text-align: center;">Pesquisadora: Karine Barbosa - Orientador: Hélder Ferreira Isayama Contatos: Telefone: (31) 3409-2335 Celular: (31) 9919-7124 E-mail: karine3001@hotmail.com</p>
---	---

Ao proprietário(a) da empresa _____.

Vimos por meio desta, convidá-los a participar da pesquisa intitulada “Da Formação à Atuação: no palco, os animadores de festas infantis da cidade de Belo Horizonte - MG”, vinculada curso de graduação em Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a responsabilidade da graduanda Karine Barbosa de Oliveira e orientação do professor Hélder Ferreira Isayama.

Sua empresa foi selecionada para participar desta pesquisa por ter sido indicada por alguns Buffets Infantis de Belo Horizonte como prestador de serviço em animação de festas infantis. Este estudo objetiva analisar a formação, perfil, competências e habilidades dos animadores culturais de festas infantis. Para tanto, faz-se necessário a realização de entrevistas semi-estruturadas aplicadas aos animadores e sócios da sua empresa. Nenhuma informação disponibilizada aos pesquisadores será ligada diretamente à empresa ou aos profissionais a ela vinculados, mantendo assim total sigilo. É importante salientar que a participação na pesquisa é totalmente voluntária não cabendo qualquer forma de remuneração aos profissionais ou à empresa. A qualquer momento a empresa poderá solicitar esclarecimentos aos pesquisadores.

Ao final da pesquisa, a graduanda compromete-se a entregar à instituição o texto final da monografia em CD-ROM. Sem mais a acrescentar agradecemos o tempo a nós destinado e colocamo-nos a disposição para sanar eventuais dúvidas.

Atenciosamente,

Graduanda – Karine Barbosa de Oliveira

Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama

APÊNDICE B: Roteiro de entrevista semi estruturada com os animadores

1. Idade, formação.
2. Você pode me falar da sua trajetória de formação profissional?
3. E sobre sua atuação: Em quais instituições atua?
 - 3.1 Quais as funções que desempenha?
 - 3.2 Como iniciou o trabalho de animação em festas?
4. Quais os motivos que o levaram a atuação como animador de festa?
5. Quais os tipos de atividades que vocês realizam? Como é o planejamento?
6. Existe um processo de seleção de animadores para a empresa que atua?
 - 5.1 Como é este processo?
7. Qual o perfil procurado pelas pessoas que contratam os profissionais aqui na empresa?
8. Você julga importante participar de cursos de formação na área de recreação e lazer? Por que? Já realizou algum(ns)? Qual (is)?
9. A empresa em que atua oferece e ou incentiva a participação em cursos de formação/qualificação?
10. Quais os conhecimentos, competências e habilidades que você julga fundamentais para um animador de festas infantis?
11. Por que é necessária a presença de um animador em festas infantis?
12. Em que medida você acredita que o seu trabalho contribui para o lazer do público alvo?
13. Como você compreende a recreação e o lazer?